

TRADUTOR: UM LEITOR-PESQUISADOR

Sara Lelis de Oliveira (UnB)¹

Resumo: Neste trabalho, relaciona-se o tradutor com o sujeito que apreende e articula conhecimentos presentes na obra literária: o leitor-pesquisador. Resultante das reflexões da Epistemologia do Romance, o leitor-pesquisador posiciona-se de maneira diferenciada diante do texto devido à sua tarefa epistemológica. A tarefa do tradutor, na perspectiva de Walter Benjamin, consiste em uma passagem formuladora de conhecimento proveniente da linguagem no trânsito entre as línguas. A referida relação será exemplificada a partir da introdução dos *Diálogos de Platão*, de Friedrich Schleiermacher, em que o filósofo se mostra como um tradutor e leitor-pesquisador da obra platônica.

Palavras-chave: Friedrich Schleiermacher; Walter Benjamin; tradutor; leitor-pesquisador.

A Epistemologia do Romance (ER), eixo de pesquisa resultante de reflexões inicialmente esboçadas no ensaio “Elementos para uma Epistemologia do Romance” (2003), consiste em um estudo teórico que reconhece no texto literário um *locus* dotado de conhecimento acerca das existência e condição humanas. Esse reconhecimento pela ER abrange um gesto epistemológico originário da pergunta do filósofo Immanuel Kant (1724 – 1804) submetida ao campo da literatura: “o que é possível saber do objeto/texto/conjunto de textos/obras”? (BARROSO, 2003, p. 4) Trata-se de um estudo no qual se pretende decompor a obra literária a fim de compreendê-la profundamente. Essa tarefa pressupõe uma interpretação do texto que transcenda a fruição e extraia dela um conhecimento sobre o humano ou sobre as condições humanas – em sentido lato – que impulsionam a escritura literária. Conforme os braços filosófico e epistemológico da ER, entende-se que a criação artístico-literária revela elementos da subjetividade do homem que, ao serem articulados e sistematizados, elaboram um saber tanto particular quanto geral da humanidade. No artigo “Epistemologia do Romance: uma proposta metodológica possível para a análise do romance literário” (2015), defendem Barroso e Barroso que, pelo entrecruzamento de saberes intrínsecos à narrativa literária, é viável “compreender, ou pelo menos lançar nosso olhar sobre a complexidade que caracteriza o conhecimento no mundo contemporâneo” (2015, p. 8-9).

¹ Cursa Doutorado em Estudos Literários Comparados no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Práticas Sociais da Universidade de Brasília. Mestre em Estudos da Tradução e Bacharel em Letras – Tradução – Espanhol pela mesma universidade. E-mail para contato: saralelis@gmail.com

Nesse afã de captar os conhecimentos presentes na obra literária, a ER sugere uma figura que se posiciona diante do texto com uma atitude baseada na epistemologia². Para apreender e articular o conhecimento proveniente da literatura desenvolve-se um leitor de faro investigativo. Ele é mais que um leitor atento às minúcias do texto, mais que um leitor que procura respostas. Para além disso, o leitor proposto pela ER encarrega-se de formular perguntas acerca da narrativa literária, imiscuindo-se nas tramas textuais e desconfiando de seus jogos linguísticos. Esse sujeito é conhecido pelo estudo teórico em questão como leitor-pesquisador³. No movimento epistemológico empreendido, ele deve munir-se

...de no mínimo uma das duas intenções: a de compreender melhor alguma coisa ou a de conhecer algo, isto quando não somos impulsionados por ambas, já que a elaboração do conhecimento passa necessariamente pela compreensão (BARROSO e BARROSO, 2015, p. 28).

O leitor-pesquisador diferencia-se do leitor comum posto que, na qualidade de investigador, sua leitura busca interpretar e, sobretudo, organizar a interpretação. Não é uma leitura sem propósito ou de fruição. Sua leitura está necessariamente comprometida com o conhecimento, isto é, com a busca de elementos fundadores na obra literária os quais permitem elaborar conhecimentos sobre o que pertence ao humano.

Esse gesto epistemológico desempenhado pelo leitor-pesquisador também é realizado pelo tradutor ao longo do processo tradutório de uma obra literária. José Salas Subirat, escritor e tradutor argentino, justifica no prefácio de sua tradução para o castelhano da obra *Ulysses*, do escritor irlandês James Joyce, que a tradução resulta de seu desejo de ler a obra original atentamente: “...traduzir é a maneira mais atenta de ler, e o desejo de ler atentamente é responsável pela presente versão” (SUBIRAT, 1945, p. 3, tradução nossa). Compreende-se da assertiva de Subirat que a possibilidade de uma leitura atenta se concebe mediante tradução. A versão castelhana de *Ulysses* significa não só um produto traduzido, mas principalmente o meio e a justificativa para se conhecer intimamente a referida obra literária dado que o processo tradutório, nessa perspectiva epistemológica, permite se aprofundar em seu conhecimento.

² No âmbito da Epistemologia do Romance, a epistemologia “relaciona-se com a produção e aquisição dos saberes” (BARROSO e BARROSO, 2015, p. 8).

³ Termo cunhado pela professora Dra. Maria Veralice Barroso.

A relação entre os sujeitos tradutor e leitor-pesquisador admitida neste trabalho foi identificada no prefácio às traduções dos *Diálogos de Platão* pelo filósofo, filólogo e tradutor alemão Friedrich Schleiermacher (1768 – 1834)⁴. Esse prefácio consiste em uma introdução aos diálogos traduzidos do grego antigo para o alemão e resume sua nova leitura interpretativa da obra platônica. Trata-se de um comentário sobre os motivos os quais levaram Schleiermacher a traduzir Platão, mas também um projeto interpretativo da obra, projeto que salienta a influência da tradução em sua forma e método de interpretar os diálogos. A tradução dos diálogos platônicos resulta na manifestação de sua interpretação em si uma vez que o pensamento platônico em língua grega é configurado em língua alemã. De sua introdução, pode-se entender que a tradução dos diálogos de Platão⁵ significou compreendê-lo melhor:

...a presente tentativa é uma complementação não facilmente dispensável em relação àquilo que outros fizeram de outra maneira, devendo contribuir, na medida em que se mostre bem-sucedida, para uma melhor compreensão de Platão (SCHLEIERMACHER, 2008, p. 31, tradução de Georg Otte).

O empreendimento epistemológico de Schleiermacher para com a obra platônica justifica-se por sua percepção de que Platão havia sido, até sua época, mal compreendido. Uma de suas tarefas é ordenar todos os diálogos platônicos para atingir seu objetivo final de “reconstrução da experiência mental do autor do texto” (OTTE, 2008, p. 14), tarefa de ordenação essa na qual a tradução se evidencia dado o intuito de obter um conhecimento/interpretação diferenciados da filosofia de Platão.

É com base nesta introdução dos *Diálogos de Platão* de Schleiermacher que a relação entre tradutor e leitor-pesquisador se sustenta neste trabalho, pois o anseio interpretativo do filósofo alemão está claramente fundamentado por seu projeto tradutório. Entendemos Schleiermacher como um tradutor e leitor-pesquisador. Sua teoria hermenêutica, assim como a Epistemologia do Romance, requer uma leitura atenta do texto literário a fim de conhecê-lo profundamente e elaborar uma nova compreensão/interpretação, um novo conhecimento. Mas essa leitura não passa sem tradução tendo em vista que os diálogos, escritos em grego antigo, requerem uma tradução

⁴ Título original: *Einleitung*. In: *Platons Werke von F. Schleiermacher*. Todas as citações em português do Brasil referentes a esta introdução são traduções de Georg Otte.

⁵ De acordo com Georg Otte, tradutor de Schleiermacher para o português do Brasil, o filósofo alemão não traduziu todos os diálogos. Faltaram as traduções do *Timeu* e das *Leis* (OTTE, 2008, p. 16).

para o alemão que consiste na interpretação mesma da obra platônica posto que toda tradução é, em si, uma interpretação.

Traduzir: um gesto epistemológico para o conhecimento da obra literária

O ato tradutório como via de conhecimento declarado pelo escritor e tradutor argentino José Salas Subirat foi defendido anos antes pelo filósofo alemão Walter Benjamin (1892 – 1940) em *A Tarefa do Tradutor*⁶, texto que prefaciou sua tradução dos *Tableaux Parisiens*, de Charles Baudelaire. Benjamin constata que os românticos alemães, voltados para a crítica literária, obtiveram um profundo conhecimento das obras por intermédio da tradução. Segundo Benjamin, “...eles [os românticos alemães] possuíram, antes de outros, uma consciência da vida das obras, cujo mais alto testemunho é dado pela tradução” (BENJAMIN, 2011, p. 111, grifo e colchetes nossos). A consciência da obra original obtida ao longo da execução tradutória reflete o pensamento benjaminiano de que a tradução revela algo acerca do texto a ser traduzido. Trata-se de um movimento epistemológico experienciado no ato de traduzir derivado da linguagem, concepção abordada por Benjamin em ensaio anterior – *Sobre a linguagem geral e sobre a linguagem dos homens*⁷ – que está atrelada à sua concepção sobre tradução. Para o filósofo, a passagem de uma língua para a outra fornece aspectos essenciais da linguagem não somente a respeito da materialidade da palavra, mas sobretudo para além dela. Esses aspectos consistem na vida linguística do original, no que faz a obra literária ser o que ela é, proporcionando seu íntimo conhecimento. Linguagem, tradução e conhecimento são inseparáveis no pensamento benjaminiano: “Para o conhecimento das formas artísticas, vale tentar concebê-las todas como linguagens...” (BENJAMIN, 2011, p. 72).

Benjamin define a tradução como “a passagem de uma língua para outra por uma série contínua de metamorfoses. Séries contínuas de metamorfoses, e não regiões abstratas de igualdade e similitude, é isso que a tradução percorre” (BENJAMIN, 2011, p. 64). Significa que a tradução não é a correspondência entre os significantes e os significados das línguas, “concepção burguesa da língua segundo a qual a palavra estaria

⁶ Título original: *Die Aufgabe des Übersetzers* (1923). Todas as citações em português do Brasil referentes a este ensaio presentes neste artigo são traduções de Susana Kampff Lages.

⁷ Título original: *Über Sprache überhaupt und über die Sprache des Menschen* (1916). Todas as citações em português do Brasil referentes a este ensaio presentes neste artigo são traduções de Susana Kampff Lages.

relacionada à coisa de modo casual e que ela seria um signo das coisas (ou de seu conhecimento), estabelecido por uma convenção qualquer” (BENJAMIN, 2011, p. 63). Ela diz respeito à uma tarefa que pertence “ao nível mais profundo da teoria linguística” (BENJAMIN, 2011, p. 64). Na concepção benjaminiana, a tradução é um processo que revela os substratos linguísticos das obras a serem traduzidas, isto é, suas composições de linguagem. Para tanto, um texto deve ser traduzido inúmeras vezes a fim de se extrair a essência linguística do texto original, essência essa que configura a *forma* da obra literária. Em suas versões, a tarefa de traduzir manifesta, progressivamente, diversas camadas do texto original que proporcionam o conhecimento de seus substratos linguísticos a fim de recompô-los, em um segundo momento, na tradução.

O movimento benjaminiano da tradução de obras literárias deve ser antes compreendido no âmbito da tradução da linguagem humana, fruto da relação sujeito-objeto. De acordo com Benjamin, a linguagem humana possui uma natureza singular: traduzir o silêncio da natureza em palavra sonora, ato a partir do qual as coisas, sejam elas seres animados ou inanimados, são designadas pelos nomes (BENJAMIN, 2011, p. 64). A gênese da linguagem humana pautada na tradução explica-se pelo amparo da teoria da linguagem de Benjamin na metafísica judaica, na qual a função de nomear é um dom divino conferido ao homem que consiste no reconhecimento da linguagem intrínseca às coisas para, enfim, transformá-la em seus respectivos nomes. “Recebendo a língua muda e sem nome das coisas e transpondo-a em sons, nos nomes, o homem solve essa tarefa” (BENJAMIN, 2011, p. 65). A possibilidade do reconhecimento deve-se à criação humana à imagem e semelhança de Deus, pois a criação de toda matéria por Ele pressupõe uma linguagem para cada uma delas. Além da imagem e semelhança, existe uma relação especial entre o homem e a linguagem no ato da Criação. Deus, ao criar o universo, demonstrou

a profunda e clara relação do ato criador com a linguagem. Este começa com a onipotência criadora da linguagem, e ao final da linguagem, por assim dizer, incorpora a si o criado, ela o nomeia. Ela é aquilo que cria, e perfaz, ela é palavra e nome” (BENJAMIN, 2011, p. 61, tradução de Susana Kampff Lages).

O homem, à imagem e semelhança de Deus, traduz a linguagem muda (das coisas) em linguagem sonora (humana) por meio da palavra. O ato humano de converter a linguagem geral em palavra sonora é, à diferença do ato divino, uma tarefa ininterrupta. A ação de

reconhecimento da essência da linguagem das coisas e sua transformação em nome é resultante de uma série de contínuas traduções, perspectiva que se justifica, com base na Bíblia Sagrada, pela prática do pecado original. Conforme Benjamin, a queda do homem do estado paradisíaco é um divisor de águas na denominação direta das coisas pelo homem, pois com introdução do pecado no jardim do Éden o homem perde a capacidade de obter a perfeição da linguagem divina e, portanto, traduzir passa a ser um exercício infinito no intuito de se alcançar o ideal (perdido) da linguagem perfeita.

Esta compreensão metafísica da linguagem de Benjamin respalda o caráter epistemológico da tradução compreendido em seu ensaio sobre a tradução. O filósofo declara que é fundamental o reconhecimento da linguagem de uma obra literária no intuito de vertê-la para outra língua. Esse reconhecimento é, conforme explicitado, efeito do próprio ato divino de traduzir: na transposição de uma língua para outra, nomeia-se o que foi reconhecido na linguagem da língua da obra original. O exercício do reconhecimento é idêntico ao do ato (imperfeito) do homem adâmico: uma série de contínuas traduções. Trata-se, conforme Benjamin, de reconhecer na obra original o que lhe é *essencial*, sua essência de linguagem inerente ao texto: ...o essencial – não será isto aquilo que se reconhece em geral como o inapreensível, o misterioso, o “poético”? Aquilo que o tradutor só pode restituir ao tornar-se, ele mesmo, um poeta? (BENJAMIN, 2011, p. 102).

No entanto, a conversão do *essencial* no âmbito da tradução literária só se garante pela traduzibilidade das obras, concepção que Benjamin alude ao relato bíblico da Torre de Babel. Segundo ele, a possibilidade decorre da língua-pura, uma língua perfeita e superior a todas as outras e de qual partem todas elas imperfeitas em si mesmas (BENJAMIN, 2011, p. 113). A língua-pura assemelha-se à linguagem adâmica anterior ao pecado original (BENJAMIN, 2011, p. 66). Nessa noção, o tradutor deve, mediante uma série de contínuas traduções, atuar à imagem de Adão. Sua relação com o texto consiste no reconhecimento da linguagem presente na obra original, isto é, identificar o que lhe é “essencial”, “misterioso” e “poético” a fim de dar-lhe um nome na língua para qual se traduz. É sobre o nome que o conhecimento das coisas repousa (BENJAMIN, 2011, p. 67).

Essa tarefa de conversão não é impossível, pois considerando todas as línguas como fragmentação de uma língua perfeita, o relacionamento entre elas é íntimo: “as línguas não são estranhas umas às outras, sendo *a priori* — e abstraindo de todas as ligações

históricas — afins naquilo que querem dizer” (BENJAMIN, 2011, p. 106-107). A conexão entre as línguas expressa exatamente o movimento a possibilidade da tradução:

...a tradução deve, ao invés de procurar assemelhar-se ao sentido do original, conformar-se amorosamente, e nos mínimos detalhes, em sua própria língua, ao modo de visar do original, fazendo com que ambos sejam reconhecidos como fragmentos de uma língua maior, como cacos são fragmentos de um vaso (BENJAMIN, 2011, p. 115, tradução de Susana Kampf Lages).

Ao referir-se contrariamente à tradução como comunicação do sentido do original, Benjamin alude à apreensão da linguagem humana em sua essência linguística, na qual está expressa uma linguagem cuja comunicação é impossível, mas apenas compreendida no plano metafísico da atividade tradutória.

O caráter epistemológico da tradução na concepção benjaminiana reside no relacionamento que se estabelece entre o sujeito e o objeto, neste caso tradutor e a obra literária, sendo esta última um espaço provedor de conhecimento, segundo a ER, por intermédio de uma série de traduções. Relativa à uma operação linguística, a tradução proporciona que se apreenda o conhecimento *na* linguagem, e não *através* da linguagem (BENJAMIN, 2011, p. 51). A língua, por si mesma, nada comunica, mas sua essência linguística configura a *forma* do conhecimento a ser transmitido na medida em que ele pode ser comunicado tanto em na própria língua que conforma sua linguagem quanto entre outros idiomas. Neste sentido, nesta consiste a tarefa do tradutor: reconhecer na língua do original a essência da linguagem que encobre o que lhe é *essencial*. Essa ação resulta de uma série de contínuas conversões, movimento ininterrupto ao qual o tradutor está fadado devido à natureza da relação entre o homem e o objeto no instante divino da nomeação, o que não é de forma alguma impossível materialmente, mas um ideal.

O trânsito entre as línguas nas perspectivas benjaminianas de linguagem e tradução produz um conhecimento também anelado pelo leitor-pesquisador nas reflexões da Epistemologia do Romance sobre a qualidade da interpretação e compreensão do texto literário. É neste sentido que ambos os sujeitos se relacionam, pois desejam acessar intimamente a obra original do intuito de melhor compreendê-la e, portanto, conhecê-la. Suas intenções são as mesmas tendo em vista que ambos traduzem a linguagem muda em conhecimento. O tradutor, no entanto, transforma o conhecimento apreendido em linguagem poético-literária, pois além de interpretar, traduzir “é também e, sobretudo, superar a interpretação, recriando o ritmo da obra na língua de chegada com uma poética

que dê conta dos múltiplos sentidos e do modo de ser do original” (BEZERRA, 2012, p. 55). Já o leitor-pesquisador o converte em uma linguagem científica (BARROSO e BARROSO, 2015, p. 11).

Schleiermacher: tradutor e leitor-pesquisador

O vínculo estabelecido entre os sujeitos tradutor e leitor-pesquisador quanto à produção de conhecimento através da literatura, isto é, quanto a novas interpretações de uma obra literária, está exemplificado na introdução dos *Diálogos de Platão*, prefácio do filósofo alemão Schleiermacher às suas traduções da obra platônica para a língua alemã. Embora não consista em uma obra literária tal como concebemos atualmente, identifica-se no referido prefácio que na busca pelo entendimento e explicação dos diálogos de Platão, Schleiermacher inaugura uma nova interpretação e uma nova forma interpretativa dos diálogos concebidas via tradução. Sua teoria da hermenêutica está profundamente marcada pela tradução, o que justifica a defesa de que a leitura atenta realizada por Schleiermacher, leitura essa de um leitor-pesquisador que desenvolve uma nova interpretação da obra platônica, inscreve-se em sua condição de tradutor.

A introdução dos *Diálogos de Platão* inicia-se com uma crítica negativa ao que até o período – início do século XIX – havia se compreendido dos diálogos escritos pelo filósofo grego. Para Schleiermacher, tratavam-se de interpretações equivocadas derivadas da maneira biográfica e comparativa com a qual se vinha interpretando sua filosofia. Afirma que os leitores interessados na obra platônica procuravam “antes conhecer os pensamentos dele a partir das próprias obras” (2008, p. 28) e não de sua vida, desviando sua atenção para os próprios textos. Mas ainda assim, declara que, ao discorrerem sobre os diálogos de Platão, os estudiosos cometeram grandes equívocos na interpretação ou simplesmente não compreenderam pontos fulcrais da obra. Esse é o motivo que impulsiona Schleiermacher a propor uma nova compreensão de Platão por meio de um novo método interpretativo. São vários os momentos em que ele afirma “má compreensão”, “falta de compreensão”, “total incompreensão” dos diálogos em questão. A finalidade de seu trabalho é “possibilitar, através do conhecimento mais exato e imediato das mesmas, uma visão própria do espírito e da doutrina do filósofo” (SCHLEIERMACHER, 2008, p. 30).

O conhecimento imediato da obra platônica requer o contato direto com os textos e não com sua biografia, e seu conhecimento exato requer “o conhecimento precário da língua grega de então em termos filosóficos para sentir em que e como Platão era limitado por ela e onde ele mesmo se esforça em elaborá-la” (SCHLEIERMACHER, 2008, p. 29-30), ambas as exigências manifestadas com a realização da tradução. Para Schleiermacher, a língua é um dos principais instrumentos de compreensão uma vez que por intermédio de seu conhecimento será possível uma leitura atenta que desenvolverá um novo entendimento acerca da obra platônica, questão essa que não será abordada na ocasião deste artigo⁸.

Em seu método interpretativo, Schleiermacher afirma ser fundamental o conhecimento da língua e linguagem platônicas, dado que, para ele,

...pensamento e linguagem estão totalmente entrelaçados um no outro, e o modo próprio de compreender um tema passa pela ordenação e, por conseguinte, também pelo uso linguístico (SCHLEIERMACHER, 2008, p. 15, tradução de Georg Otte).

A ordenação dos diálogos de Platão é uma das tarefas empreendidas por Schleiermacher no afã de compreender a obra. A reconstrução da experiência mental do filósofo, segundo ele, obedece à uma sequência no pensamento platônico que se configura através da linguagem. Não se trata, portanto, de uma ordenação voltada para elementos externos (históricos, por exemplo, como datas), mas de uma atenção dada à compreensão do estilo de uma obra, objetivo central de sua hermenêutica (OTTE, 2008, p. 15).

A imprescindibilidade do conhecimento da língua e do estilo da obra platônica ressaltam o labor de tradução realizado por Schleiermacher. Traduzir é uma operação relativa à linguagem, e o exercício hermenêutico do tradutor de Platão baseia-se no uso da linguagem, no estilo entremeadado no tecido da obra. Reconhecemos em Schleiermacher a mesma atenção benjaminiana dada à *forma* (o poético) da obra literária, isto é, com as leis que regem o texto original (BENJAMIN, 2011, p. 102). Para Schleiermacher, a apreensão do uso linguístico ocorre por um trabalho de teor técnico: compreensão do vocabulário, da sintaxe, da gramática da língua e seu uso na obra literária em questão. O acesso a todos esses elementos que conformam o sentido é fruto do ato tradutório em

⁸ O filósofo alemão contribuiu significativamente para a compreensão das ideias de Platão, segundo Otte. Além da obra de Platão traduzida pela primeira vez para o alemão, entre suas contribuições está “sua hipótese sobre a absoluta indissolubilidade entre a forma e o conteúdo” (OTTE, 2008, p. 24).

razão do trânsito entre as diferentes línguas (do original e da tradução) que, ao serem confrontadas e postas em comparação, permitem elaborar saberes sobre seus respectivos contextos. A atividade tradutória constitui uma maneira de conhecer e analisar intimamente o texto original dada sua função de transformar na língua traduzida o material verbal expresso em outra linguagem e plasmado na língua do original, mas sobretudo seu teor engendrado por uma lógica de pensamento diversa.

O fazer tradutório-hermenêutico pouco discutido por Schleiermacher é descrito por Haroldo Campos (2013). No contexto da teorização da poética brasileira e da criação pelos poetas concretistas, o poeta e tradutor e brasileiro afirma que o processo ocorreu por intermédio de uma tarefa contínua de tradução impulsionada pelo intuito de produzir textos criativos (CAMPOS, 2013, p. 42). A tradução assume, da mesma maneira que na hermenêutica de Schleiermacher, o papel de fornecer elementos que ultrapassam a língua traduzida uma vez que ela é nutrida pelos substratos da língua estrangeira. A tradução consiste, neste sentido, um ato epistemológico tal como Benjamin atestou em sua análise das obras traduzidas do romantismo alemão. Essa metodologia de tradução constitui o que Haroldo de Campos intitula de “laboratório de texto” (CAMPOS, 2013, p. 47) ou, em outras palavras, um laboratório de tradução, lugar arquitetado para conhecer, testar e aplicar as hipóteses tradutórias.

Boris Schnaiderman, tradutor do russo para o português no Brasil e teórico da tradução, também descreve de forma mais aprofundada o fazer tradutório-hermenêutico. Schnaiderman (2011) apresenta a tradução desde uma perspectiva reflexivo-epistemológica: um processo consciente, de hipóteses e de tomada de decisões. Essa perspectiva eleva o pensamento fragmentado de um tradutor à categorização de problemas de tradução, os quais a partir da reflexão revelam-se um conhecimento íntimo sobre a linguagem. Esse conhecimento garante uma tradução na qual o texto se reconfigura sob uma nova forma resultante de uma interpretação distinta oriunda do próprio ato tradutório.

Se para interpretar uma obra literária o objetivo central consiste em compreender o estilo de uma obra, conforme Schleiermacher, depreende-se a relevância da operação tradutória desde seu caráter epistemológico. O tradutor de Platão enfatiza a leitura do texto dentro das possibilidades oferecidas pela forma de escrever do autor as quais estão intimamente relacionadas com seu pensamento. Trata-se dos aspectos que compõe a linguagem da obra literária, sua *forma*, da qual depreende-se seu sentido segundo a

maneira com a qual a linguagem está organizada. A “reconstrução da experiência mental do autor” depende do conhecimento estético de sua linguagem que, por sua vez, traz à tona seu sentido e, portanto, sua interpretação e compreensão. Traduzir torna-se fundamental nesse processo uma vez que a leitura da obra inscrita no trânsito entre as línguas abre caminho para decompor o texto literário desde seus aspectos linguísticos formais e seus respectivos contextos cultural, social, político, etc. Essa decomposição e sua posterior organização seja na tradução dos diálogos platônicos, seja na nova interpretação de Schleiermacher, o tornam um leitor-pesquisador caracterizado por sua faceta de tradutor.

Considerações Finais

Esse trabalho pretendeu relacionar o sujeito tradutor e o leitor-pesquisador, figura elaborada pela Epistemologia do Romance (ER) para atender seu propósito hermenêutico-epistemológico: produzir um conhecimento presente na obra literária. O movimento epistemológico empreendido pela ER pressupõe uma leitura comprometida com o conhecimento. Não se trata de uma leitura desinteressada e superficial. A leitura do romance literário possui objetivos para além de seu valor estético não obstante sua superfície linguística seja o meio pelo qual são apreendidos os elementos para a elaboração do conhecimento. Para tanto, a ER traz à cena a figura de um leitor que pesquisa. Conhecer os saberes presentes na obra literária é tarefa de um sujeito que responderá à pergunta postulada pelo filósofo alemão Immanuel Kant: “o que eu posso saber?”.

A relação do leitor-pesquisador com o tradutor nasce das semelhanças encontradas na tarefa do tradutor postulada pelo filósofo alemão Walter Benjamin. Essa tarefa consiste em encontrar a lei que rege as camadas de linguagem do texto original, encontrar aquilo que é *essencial* e faz a obra literária ser o que é. Identificou-se caráter epistemológico similar entre ambas as tarefas uma vez que o tradutor, em seu propósito de transformar o material verbal de uma língua em outra, deve interpretar o texto profundamente. A afinidade entre as tarefas prova-se no *Diálogos de Platão*, do filósofo alemão Friedrich Schleiermacher, que propôs uma nova compreensão de Platão a partir da tradução da obra platônica.

Referências

BARROSO, Wilton. Elementos para uma epistemologia do romance, 2003, 11p. Disponível em: www.epistemologidoromance.blogspot.com/2013/05/elementos-para-uma-epistemologia-do.html Acesso em: 05/08/2018.

BARROSO, Maria Veralice; BARROSO, Wilton. Epistemologia do Romance: uma proposta metodológica possível para a análise do romance literário, 2015, 38p. Disponível em: www.epistemologidoromance.blogspot.com/p/artigos.html Acesso em: 05/08/2018.

BENJAMIN, Walter. A Tarefa do Tradutor. In: **Escritos sobre Mito e Linguagem**. Tradução de Susana Kampff Lages. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2011, p. 101-119.

_____. Sobre a linguagem geral e sobre a linguagem dos homens. In: **Escritos sobre Mito e Linguagem**. Tradução de Susana Kampff Lages. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2011, p. 49-73.

BEZERRA, Paulo. A tradução como criação. Revista Estudos Avançados, v. 26, n. 76, 2012, p. 47-56.

CAMPOS, Haroldo de. Da tradução como criação e como crítica. In: **Metalinguagem e outras metas**, Ed. Perspectiva, 4ª Reimpressão, 2013, p. 31-48.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. **Introdução aos diálogos de Platão**. Tradução de Georg Otte. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

SCHNAIDERMAN, Boris. **Tradução, ato desmedido**. Ed. Perspectiva, São Paulo, 2011.